

HANS JONAS E A BIOÉTICA

No âmbito da pesquisa em Filosofia, tanto no Brasil como também no exterior, o pensamento de Hans Jonas continua sendo objeto de investigações, bem como de debates, em eventos de maior ou menor abrangência, dedicados aos mais diversos aspectos de sua obra. Um destes aspectos é a relação de sua ética da responsabilidade com questões práticas no âmbito da pesquisa em medicina e nas demais áreas das ciências naturais. Neste sentido, também no campo da bioética é possível refletir filosoficamente a partir dos argumentos de Hans Jonas em torno de determinados problemas como manipulação genética, melhoramento humano, eutanásia e temas afins.

Antes de passar ao conteúdo dos trabalhos que integram esta coletânea sobre Hans Jonas e a Bioética, gostaria de fazer um breve registro. No ano de 2010, realizava-se no Brasil, precisamente na Universidade Federal de Pelotas o primeiro colóquio dedicado exclusivamente ao debate filosófico em torno da ética de Hans Jonas¹. Este evento foi sem dúvida um fator que muito contribuiu na articulação e consolidação de um grupo inter-institucional de professores e pesquisadores que, para além de outras pesquisas e interesses teóricos em Filosofia, compartilha também o interesse em torno das questões postas pelo pensamento deste filósofo. Esforços e colaborações sucessivos, assim como a própria ampliação deste grupo, com a inclusão de novos membros, possibilitaram não apenas a constituição do *GT Hans Jonas* da Anpof como, também, através do engajamento de cada um dos pesquisadores, novas edições do Colóquio Hans Jonas foram realizadas, com periodicidade regular e de modo itinerante. Além de tais empreendimentos, outras iniciativas como a realização de minicursos, conferências, traduções² e publicações de obras individuais e coletivas aconteceram desde então.

O presente número da série suplementar da *Revista Dissertatio* dedicado ao tema *Hans Jonas e a Bioética*, origina-se de uma série de conferências apresentadas precisamente na edição de número cinco, dos Colóquios Hans

¹ Vale conferir a edição de número 32 da *Revista Dissertatio* – Dossiê Hans Jonas, que conta, em sua maior parte, com textos que foram apresentados naquele colóquio.

² Em especial, cabe destacar aqui a tradução realizada, com a colaboração de vários pesquisadores, da obra *Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade*, publicada na editora Paulus, em 2013.

Jonas, realizada no mês de agosto de 2017, na *Pontifícia Universidade Católica* de Curitiba, que contou com a participação de pesquisadores brasileiros e também do exterior.

Com efeito, na medida em que se examina minuciosamente o conteúdo filosófico de *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, o pesquisador se depara inevitavelmente com dois aspectos de suma importância ligados ao tema: a) tanto a questão da *justificação* teórica daquele princípio, que assenta em grande medida na sua *biologia filosófica*, delineada em sua obra *O princípio Vida*, quanto; b) o aspecto da *aplicação* do mesmo, que é desenvolvido nos diversos temas tratados em *Técnica, medicina e ética*.

Na presente coletânea os trabalhos estão voltados a diferentes aspectos da parte aplicada da ética de Jonas ou, dito de outro modo, da relação de sua ética normativa com a bioética (ética aplicada).

O texto que abre a coletânea é da lavra de Paulo Becchi, italiano, professor de Filosofia do Direito das universidades de Gênova (Itália) e de Luzerna (Suíça). Becchi aborda o tema da morte cerebral e o transplante de órgãos, tema que foi, como o autor mesmo destaca, um “cavalo de batalha” de Jonas no período em que debateu com médicos e cientistas e em que fez duras críticas aos critérios adotados por estes para (re)definir como e em que situação pode ser declarada a morte de um ser humano e, portanto, a partir deste ponto também o momento de retirada de órgãos para transplante.

Helder Buenos Aires de Carvalho propõe-se em seu texto à uma aproximação entre a ética da responsabilidade de Jonas e a ética de virtudes de Macintyre. Carvalho parte da premissa que é defendida pelo próprio Macintyre, de que as diferentes tradições no âmbito da pesquisa em filosofia moral têm como um de seus deveres fundamentais o diálogo filosófico, independentemente de seus pressupostos teóricos e bases de justificação. Para levar adiante seu intento Carvalho retoma as noções de vida, animalidade, vulnerabilidade e de virtudes no intuito de apontar para pontos de confluência e, em certa, medida também de complementaridade entre ambas as matrizes, no sentido de se justificar uma ética para a sociedade tecnológica.

O trabalho de Lilian Godoy da Fonseca aborda o tema da dignidade, partindo das definições propostas por Pico della Mirandola, Immanuel Kant e Hans Jonas, com o intuito de esboçar, nas palavras da autora, uma concepção ampliada de dignidade. Ora, no que consistiria esta concepção ampliada? Conforme a autora define, esta seria uma concepção não mais limitada exclusivamente ao antropocentrismo (isto é, sendo concebida unicamente como *dignidade humana*). Assumindo claramente o caráter não conclusivo desta empreitada teórica, a autora apresenta seus argumentos e convida ao debate e ao saudável e construtivo exercício da crítica.

Ao tratar das dimensões da antropologia jonasiana, Gabriel Insaurralde remete à noção de transanimalidade. Na sua visão ao integrar as funções orgânicas e a dimensão espiritual, este conceito permite uma visão integradora da unidade psico-física, na qual a subjetividade incide de modo decisivo sobre a corporeidade. Neste sentido trata-se de um ser que não se reduz ao que há de meramente animal ou ao conjunto de suas funções biológicas, mas pertence simultaneamente a uma ordem que espelha o fenômeno da vida e do cosmos.

O tema do melhoramento humano e a respectiva crítica de Hans Jonas a este processo é o objeto de análise de Wendell Lopes. Com relação a este tema ele destaca, sobretudo, o aspecto da manipulação genética. O autor pretende apontar para os riscos que, na perspectiva jonasiana, podem levar à uma desfiguração da imagem humana, sobretudo pelo seu potencial extremamente nocivo quando orientado exclusivamente por uma lógica utilitarista e na medida que, por fim, se constitui em um dano à liberdade humana.

Jelson Oliveira analisa como a responsabilidade se apresenta como um princípio ético basilar da ética jonasiana e, ao mesmo, tempo como uma alternativa razoável ao niilismo ético. Levando em conta o metaprincípio de que haja uma humanidade, dever que está na base de todos os outros deveres, Oliveira sustenta que é necessário reconhecer tanto o caráter principialista quanto consequencialista da ética jonasiana. Francisco Quesada-Rodríguez toma a categoria de organismo-metabolismo no marco da biologia filosófica para explicar a bioética pensada no quadro da ética da responsabilidade. Conclui com uma reflexão sobre resultados possíveis da aplicação do princípio responsabilidade.

A ética em pesquisa é tema abordado por Anor Sganzerla e Geovani Moretto em co-autoria. Os autores destacam o momento de uma guinada prática no pensamento de Jonas quando por ocasião de um convite para ministrar uma conferência sobre problemas com experimentos com seres humanos, fez com que Jonas passasse a se ocupar de modo sistemático com a parte prática da filosofia. A experimentação com seres humanos não pode jamais ser desvinculada da ética. Em particular tanto a liberdade quanto a responsabilidade são os pilares fundamentais também para a prática da medicina e ciência. Neste sentido o progresso não pode ser algo compulsório e forçoso, mas facultativo. A tese de fundo é que a sociedade tem mais tem mais a perder com as práticas desacompanhadas de valores, do que com um possível atraso tecnocientífico.

Antonio Romera Valverde reflete sobre a importância do princípio responsabilidade no âmbito dos avanços da engenharia humana, na medida em que o progresso passou a significar em certa medida uma ausência de limites.

Neste sentido a atualidade da ética de Jonas está em fomentar a crítica da convergência entre ciência e técnica, apontado para a responsabilidade com relação ao futuro distante da humanidade.

Em “Hans Jonas contra o animalismo”, Wellistony Viana retoma a crítica de Jonas ao dualismo cartesiano e sua defesa de um monismo integral. Jonas sustenta que *corpo e espírito constituem duas dimensões de um mesmo organismo animal. Viana ressalta ainda que esta tese não deve ser confundida com o chamado “animalismo” que reduz a pessoa humana ao organismo animal. Com isso, o seu trabalho aponta para a diferença entre as duas posições. O autor demonstra que em confronto com o animalismo, Jonas precisa defender duas teses: 1) que há uma dimensão espiritual no ser humano irreduzível à dimensão material e 2) que esta dimensão espiritual não é totalmente independente da matéria como no dualismo cartesiano, o que salva Jonas da crítica animalista, chamada “too many minds problem”.*

Como é possível constatar há uma diversidade de perspectivas e temas pelas quais a relação de Jonas com a Bioética pode ser abordada e que possibilita uma compreensão ainda maior acerca do teor de sua posição com respeito ao que chama de ética do futuro.

Renovamos o agradecimento aos editores da Dissertatio pelo espaço concedido.

Robinson dos Santos
[Organizador]
Pelotas, março de 2018.